



# Parceiros das Missões

Brasília - Maio de 2016 - Ano V - N° 46



Pe. Maurício

## Novo diretor das POM: pastoral deve ser missionária

O diretor das POM reentamente nomeado aposta na conversão da pastoral de manutenção para uma “pastoral decididamente missionária”.

## Ir. Nilva: o jeito de ser missionária no Amazonas (Pág. 8 e 9)



Jovens da Comunidade Shalom partem para a Missão (Pág. 4)

## Dom Hummes: o rosto amazônico da Igreja (Pág. 5)



Missionários na Ilha do Marajó na década de 40

21 Missionários estrangeiros conhecem as POM (Pág. 10)

## Pra começo de conversa

O esforço que a Igreja faz através do Papa e de organizações missionárias, para acertar a metodologia para a expansão do Reino merece uma reflexão maior nos caminhos de hoje. Enormes sacrifícios são feitos para que haja uma rota segura a seguir e depois de cada encontro, de cada evento são emitidos conceitos acerca deste mistério da construção do Reino.

Na entrevista com o novo diretor das POM, ele lembra as definições de Santo Domingo e de Aparecida, que insistem na conversão pastoral que é a superação de uma pastoral de conservação e

manutenção para uma “pastoral decididamente missionária”.

Sábias são as palavras do Papa Francisco que afirma: “a mudança de estruturas de caducas a novas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade”.

Perseguir esta pastoral missionária faz parte da jornada de cada cristão, de cada religioso ou religiosa.

O editor

## Novo diretor das POM afirma: devemos ter uma pastoral decididamente missionária

A Congregação para a Evangelização dos Povos nomeou o padre Maurício da Silva Jardim, 47, do clero da arquidiocese de Porto Alegre (RS), diretor das Pontifícias Obras Missionárias (POM) no Brasil, para os próximos cinco anos. A notícia foi divulgada na Quinta-feira Santa, dia 24 de março.

Em sintonia com o papa Francisco, padre Maurício acredita na “transformação missionária da Igreja”. Para isso, aposta na conversão da pastoral de manutenção para uma “pastoral decididamente missionária”.

Natural de Sapucaia do Sul (RS), Maurício é o sexto e último filho do casal Honório Corrêa Jardim (falecido) e Cecy da Silva Jardim. Ingressou no seminário São José de Gravataí (RS) em 1991, com 21 anos. cursou filosofia e teologia no seminário maior de Viamão, e mais tarde fez pós-graduação em psicopedagogia. Ordenado padre em 1999, trabalhou durante três anos e meio em Moçambique. Na arquidiocese de Porto Alegre foi coordenador da pastoral presbiteral e animador vocacional.

Em entrevista à assessoria de comunicação das POM, o novo diretor conta como recebeu a nomeação e quais são suas expectativas ao assumir esta nova missão.

**Padre Maurício, como recebeu a notícia da nomeação para diretor das POM no Brasil?**

Dom Jaime Spengler, arcebispo de Porto Alegre, me chamou na quarta-feira santa para conversar. Ao entrar em sua sala, retirou da gaveta dois documentos: um deles em latim assinado pelo cardeal Fernando Filoni, prefeito da Congregação para Evangelização dos Povos. O título do documento dizia: Decretum e logo abaixo a nomeação de diretor nacional das POM para um período de cinco anos (2016-2021). O outro documento vinha do nuncio apostólico dom Giovanni, comunicando o decreto e solicitando ao arcebispo que comunicasse ao interessado a nomeação. Lendo os dois textos, achei que deveria pedir alguns dias para rezar e discernir a nomeação e assim sai da sala confiante. Doze horas após me telefonou o arcebispo perguntando-me se já havia rezado e discernido, pois desejava publicar no dia seguinte para o clero, na quinta-feira



Pe. Maurício na ação pastoral em Moçambique

santa, missa do Crisma. Neste mesmo dia de dúvida e medo, reli um pensamento de dom Helder Câmara: “Aceita as surpresas que transformam teus planos, derrubam teus sonhos, dão rumo diverso ao teu dia e, quem sabe, à tua vida. Não há acaso. Dá liberdade ao Pai, para que Ele mesmo conduza a trama dos teus dias”. Assim acolhi esta nomeação como um serviço missionário. Abraço com confiança ilimitada em Deus que chama e envia.

**Quais as suas expectativas para esta nova missão?**

Com o magistério do papa Francisco, o momento atual na Igreja é privilegiado com grande ênfase missionária. Me sinto afinado e motivado com suas palavras e gestos. Ele, na exortação apostólica Alegria do Evangelho deixa claro já no primeiro capítulo que deseja a “transformação missionária da Igreja” e apresenta a exortação como “indicação de caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”. É um documento programático que me alegra, motiva e dá forças para olhar para frente com esperança. Minha expectativa é continuar bebendo da fonte no encontro com o ressuscitado numa vida diária de oração e escuta da Palavra de Deus, cultivando a fé, partilhando a vida e missão em equipe de trabalho com os secretários das POM e funcionários, mantendo a centralidade em Jesus Cristo e seu Reino. Acredito que deste encontro e escuta, brota toda animação missionária de comunicar o que se experimentou. Sair e não ficar parado ou estacionado, esperando em casa que outros venham. Sair com o princípio da misericórdia,



### Pe. Maurício celebrando casamento em Moçambique

tocando as chagas, indo às periferias e deixando-se tocar e evangelizar pelos que sofrem. Me encanta, compartilhar a vida num movimento de dar e receber: “Encontrados para encontrar. Amados para amar. Perdoados para perdoar”, como repete o papa Francisco.

Na realidade, tenho muitas expectativas e sonhos. Todos numa direção de comunhão com os setores, organismos, comissões e forças missionárias da Igreja no Brasil. Gostaria de dar continuidade ao grande trabalho que vem realizando o atual diretor padre Camilo Pauletti, sobretudo pelo seu testemunho de vida dedicado à causa missionária. Mesmo diante da fragilidade na saúde não medi esforços para que a consciência missionária crescesse no Brasil. A ele sou muito grato pela dedicação.

### Na sua opinião, quais seriam os principais desafios da missão hoje?

Há muitos desafios missionários. O primeiro creio que seja a conversão pastoral já dito em Santo Domingo em 1992 e retomado em Aparecida em 2007. O que significa esta conversão? Remete à superação de uma pastoral de conservação e manutenção para uma “pastoral decididamente missionária”. O papa Francisco no discurso aos dirigentes do CELAM, em 28 de julho de 2013 diz: “a mudança de estruturas de caducas a novas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade”. E como se dará isto? Desencadeando processos que coloquem todos os organismos, comissões, pastorais, movimentos, serviços, dioceses, prelazias, paróquias e comunidades em chave missionária.

Há vários desafios missionários: o fortalecimento e crescimentos das Igrejas irmãs, onde uma diocese pode oferecer de sua pobreza às regiões mais necessitadas de padres, religiosos (as) e cristãos missionários. Há ainda desafios dos migrantes que chegam ao Brasil sem estruturas adequadas para acolhida e encaminhamento. Há ambientes de missões nos grandes centros urbanos

e periferias onde se pode propor grupos de Infância e Adolescência Missionária (IAM) e Juventude Missionária. Outro desafio grande é ampliar a presença da Igreja entre os povos indígenas da Amazônia legal. Também um indicativo importante é desencadear processos de índole missionária, focando mais em percursos do que simplesmente cursos, embora a formação seja outro grande desafio. Desafios e lugares de missão não faltam.

### Como avalia a Igreja no Brasil com relação à cooperação missionária universal?

A Igreja do Brasil que tanto recebeu missionários europeus e ainda recebe, creio que poderia ser mais ad gentes. Há iniciativas consolidadas, cito projeto do Regional Sul 3, do qual sou parte e fui enviado para cooperar com a diocese de Nampula, no norte de Moçambique por três anos e meio. Sei também de outras iniciativas além fronteiras como a do Regional Sul 2 na Guiné Bissau. No entanto, precisamos nos abrir mais, ser mais generosos e dar de nossa precariedade para que possa acontecer o sinal da multiplicação, como no Evangelho a oferta da criança de cinco pães e dois peixes. Deus não se deixa vencer em generosidade, mas há uma parte que precisamos fazer. Continua este desafio de enviar missionários (as) para outra margem, em países onde ainda há cristãos com o mínimo de atendimento, passando anos sem terem a possibilidade da celebração eucarística. Os lugares que mais carecem de missionários (as) no mundo são os ambientes pobres e periféricos. Eis o desafio da cooperação missionária.

### Que mensagem teria para as lideranças envolvidas na animação missionária das Obras no Brasil?

Quero recordar que no caminho da Anunciação até a Ressurreição havia um ambiente de medo nas discípulas (os), contudo a mensagem é a mesma: “Não tenham medo”. Também outra palavra presente no início e no fim do percurso é: “Alegrai-vos”. Gostaria de expressar a todos que participam e contribuem com as Pontifícias Obras Missionárias estas duas palavras: Não tenham medo e alegrai-vos. Mesmo diante de tantos desafios somos pessoas de esperança, acreditamos que a vida vence a morte. Podemos dar de nossa precariedade para acontecer a multiplicação.

Gostaria de encontrá-los(as) neste percurso de cinco anos na direção das POM, indo até onde vocês vivem ou nos caminhos da missão. Por último recorde a frase de Leão XIII: “Missão se faz com os joelhos dos que rezam, as mãos dos que doam e os pés dos que partem”. Abraço fraterno, na comunhão de uma Igreja em permanente estado de missão. (Pe. Jaime Patias) Publicado no site das POM.

## Sete jovens da comunidade Shalom partiram para a Missão

Sete membros da Comunidade da Aliança Shalom no Rio partiram em missão neste ano. Gisele, Monique, Patricia, Marina, Kika, Augusto e Vinicius foram se unir aos mais de 200 jovens da Comunidade Shalom do Brasil que trabalham em mais de 20 países

A jovem Gisele Turano foi para Toronto, no Canadá. Para ela, a missão dá sentido a sua vida. “Depois da profunda experiência com Deus, que me tirou da vida sem sentido que levava, percebi que precisava dar tudo a Ele, tamanha era a gratidão do meu coração”, conta. “Impulsionada e atraída por este amor, decidi pela vontade de Deus a todo custo e, assim, ofertei trabalho (8 anos), bens e família para corresponder ao apelo de Deus, de como Maria Madalena no sepulcro ir anunciar ao mundo que Cristo ressuscitou, que Ele está vivo e é real”. Gisele lembra que durante toda missa de envio, o Senhor a envolvia em uma profunda paz. “Sentia a certeza de que estou exatamente onde Deus quer que esteja e isso me basta”.

### Rumo ao Nordeste

Outra jovem que partiu do Rio foi Patrícia Bandeira, que foi para Aracaju (SE). Ela diz que ir em missão é dar tudo pelo TUDO. “É acreditar que a Vontade de Deus é nosso paraíso e saber que cuidará dos nossos”, afirma. “É se alegrar por ir ao encontro dos TOMÉS de hoje, mas ao mesmo tempo também é salvífico para nós, vasos de argila, que nada fazemos sem Deus”.

Para ela, a decisão não foi fácil, mas encontrou grande ajuda na Carta à Comunidade, que diz: Amar a Deus é deixar-se configurar à sua Santa Vontade. Vontade de Deus, caminho de plenitude da felicidade, mistério de cruz e ressurreição, de dor e alegria, de violência e paz, via pela qual o Espírito, em meio às doçuras e exigências do amor, conduz cada pessoa a dar o seu Fiat (faça-se) incondicional ao Pai”. Patrícia diz ainda que, neste processo de arrumar as malas, só houve coisas favoráveis. “Quero que Deus me surpreenda”, afirma.



Monique e seus pais: “o sim deles que gerou o meu Sim!”

### Missão na América Latina

Monique Rodrigues conta como foi seu processo de decisão. Ela foi para Lima, no Peru. “Desde o ano passado, Deus já vinha mexendo comigo em



Gisele Turano (com o tau), entre amigos e familiares

relação a ir em missão”, conta. “No final do ano passado fui consultada pelo Conselho e fui rezar. Deus era muito concreto em sua vontade. Nas formações, Ele também falava claramente. Decidi ir em missão na certeza de que é Deus quem me chama e é por Ele que eu vou. Quando soube que seria para o exterior, levei um susto! Foi uma surpresa muito grande!! Bateu um medo, medo do desconhecido total! Mas acima de tudo a certeza da vontade dEle. Sou muito feliz por esse novo! País novo, cultura nova, povo novo, terras novas!! Tenho a certeza do Amor de Deus no fato de me enviar para anunciar, como Shalom, o Ressuscitado que passou pela Cruz e ser o canal de Misericórdia para esse povo.

Além destas, Marina e Augusto foram para Nazaré em Israel, para ampliar o trabalho que jovens realizam na Basílica da Natividade, junto aos peregrinos. Esta comunidade é responsável pela liturgia da Basílica, com celebração de missas, novenas e procissões. Kika foi para Vitória (ES) e Vinicius para Macapá (AP).



Comunidade Shalom em Nazaré (Israel)

## É preciso viver um rosto amazônico da Igreja

“Os desafios conclamam a Igreja na Amazônia a ser missionária, misericordiosa e profética. É preciso apresentar um rosto amazônico da Igreja. A Igreja só poderá encontrar um rosto amazônico à medida que se envolver realmente”, disse o presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia, cardeal Cláudio Hummes, à Assembleia Geral da CNBB, em abril passado, em Aparecida (SP).

Dom Cláudio apontou os desafios encontrados na ação evangelizadora na região amazônica e apresentou os trabalhos da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam).

Segundo o arcebispo, a região compreende, ao todo, 56 circunscrições eclesiais, correspondendo a um pouco mais da metade do território brasileiro. A Comissão para a Amazônia surgiu com a finalidade de acompanhar a ação evangelizadora do local. “A Comissão foi criada para sensibilizar as pessoas para a missão na Amazônia, um lugar onde existem muitas carências, inclusive materiais”, relatou.

De acordo com o cardeal, desde a criação da Comissão, houve um crescimento do número de padres, religiosos e leigos missionários na Amazônia. “Este crescimento deve-se ao fato de que também na formação presbiteral houve iniciativas de formação na perspectiva de uma Igreja em saída, misericordiosa, pobre e para os pobres”, explicou. Dom Cláudio acrescentou que também na formação permanente tem havido iniciativas.

### Desafios à Igreja na Amazônia

Dom Cláudio apontou como desafio a crescente urbanização. Conforme o arcebispo, trata-se de uma realidade nova. Citou como exemplo a Ilha de Marajó, “descuidada pelo poder público estadual e federal, com agravada situação de pobreza, miséria, desemprego e abuso de menores”.

Falou sobre o modelo de desenvolvimento econômico de exploração desenvolvimentista, que reclama uma nova forma de relacionamento com o meio ambiente.

Lembrou, ainda, o crescimento do número de evangélicos e a questão da evangelização dos indígenas, historicamente maltratados e descuidados pela sociedade civil.

“A Igreja e a sociedade têm enorme dívida com os indígenas, para que eles voltem a ser protagonistas da sua história, inclusive, religiosa”, afirmou. Para o cardeal, este reconhecimento apresenta outro desafio à Igreja no Brasil, que consiste na formação de um clero autóctone e o despertar de forças da ação evangelizadora, na



Missionários na Ilha do Marajó na década de 40

própria população indígena.

### Repam

Por fim, dom Cláudio Hummes falou acerca da colaboração que Repam tem oferecido à América Latina. O organismo, ligado ao Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), reúne nove países que compõem uma só Amazônia. A Repam foi fundada em setembro de 2014, tendo como co-autores a CNBB e a



Dom Hummes

Cáritas Latino-americana. A Rede nasceu como uma oportunidade de apoio, solidariedade e fortalecimento da ação evangelizadora no contexto amazônico. Atualmente, está estruturada nos seguintes eixos: formação indígena, comunicação, redes

intencionais e Igreja de fronteiras.

Sobre os trabalhos desenvolvidos, dom Cláudio lembrou que a Repam participou da COP 21, convidada pela Cáritas Francesa. O organismo tem um comitê que cuida dos trabalhos no Brasil e tem promovido seminários sobre a Laudato Sí em diversas universidades do Brasil. Está previsto encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal, entre 14 e 18 de novembro que, nas palavras de dom Cláudio, conferirá força à Igreja presente nesta macrorregião. ( CNBB)



Dom Hummes falou aos bispos em Aparecida

## Mais de 700 crianças na Jornada missionária da IAM em Umuarama



Crianças da diocese de Umuarama

**Em várias diocese do Brasil, a Infância Missionária vem trabalhando em prol das missões. Aqui, o exemplo vem de Umuarama, no Paraná, onde cerca de 700 crianças se reuniram para preparar a Jornada Missionária.**

A Infância e Adolescência Missionária (IAM) de Cianorte (PR) realizou a Jornada Missionária, no dia 16 de abril. O evento foi em preparação para a 4ª Jornada Diocesana a ser realizada em sintonia com a Jornada Nacional da Infância e Adolescência Missionária, no último domingo do mês de maio. A Jornada Missionária teve a presença de mais de 700 crianças e adolescentes, representantes das cinco paróquias que compõe o decanato de Cianorte, diocese de Umuarama (PR).

O coordenador de catequese da paróquia Sagrado Coração de Jesus, Mauricio Longuini Pereira, afirmou que devemos olhar mais para as crianças. “Nesta jornada vi a alegria das crianças evangelizando, e é para elas que devemos voltar o nosso olhar de misericórdia, como Jesus olhou e acreditar que é dos pequeninos o reino do céu”.

Padre Sergio Gallet acolheu os participantes e iniciou a jornada com a celebração da Santa Missa. Em seguida as crianças e adolescentes trabalharam o tema “Jesus Fonte de Misericórdia” com encenações, coreografias, cantos e muita animação.

A coordenadora da IAM da diocese de Umuarama (PR), Leodina Lobato da Costa, explicou que sempre é evangelizada nas jornadas. “Celebrar com as crianças o Ano da Misericórdia, juntamente com a Jornada Nacional da IAM, para mim é

transbordar o amor pela missão. A cada jornada sou evangelizada pelas crianças e isso não tem preço, é estar com Jesus”.

Depois de encerrada a Jornada Missionária as crianças e adolescentes continuam trabalhando o tema “Jesus Fonte de Misericórdia” através de ações nas comunidades, focando as obras da misericórdia como: visitas, levando a Palavra de Deus; rezando pelas crianças além fronteira; fazendo coleta de alimentos; coleta de moedinhas para colaborar com o projeto da CNBB Missão e Pão (20 mil bíblias para África) e com o cofrinho da IAM; confecção de terços e cuidados com o meio ambiente.

Sueli Koteski, coordenadora da IAM da paróquia Santa Rita de Cássia, em Cianorte (PR), confirmou que o trabalho das crianças continua depois da jornada. “Nossa paróquia escolheu trabalhar com as crianças, como tarefa para apresentar na jornada, o cuidado com o meio ambiente. As crianças arrecadaram 200 litros de óleo descartável para fabricar sabão e a renda revertemos para o cofrinho da IAM. Agora as crianças querem continuar a coleta ajudando o meio ambiente e as crianças além fronteira”.

Enquanto desenvolvem estas ações as crianças e adolescentes se preparam para a Jornada Diocesana que será realizada dia 29 de maio, na Catedral Divino Espírito Santo. Na celebração eucarística haverá consagração da IAM para o continente europeu e a coroação de Nossa Senhora. Após a missa as crianças evangelizarão umas às outras, no centro de formação diocesano, com um momento cultural e brincadeiras trazidas pelos europeus ao nosso continente.

Fonte: IAM diocese de Umuarama (PR)

## Congresso Missionário em Jequié

**O ardor missionário manifesta-se em quase todas as dioceses do Brasil. Na matéria, o Congresso missionário de Jequié na Bahia**

O primeiro Congresso Missionário da diocese de Jequié (BA) foi realizado no dia 22 de abril, no Centro de Evangelização e Unidade. Cerca de 150 pessoas participam deste momento de formação missionária. O evento reuniu leigos, leigas, religiosos e religiosas, além de párocos e sacerdotes de toda a diocese de Jequié (BA) e de outras dioceses pertencentes ao Regional Nordeste 3 da CNBB (Bahia e Sergipe), como a diocese de Ilhéus (BA) e representantes da Arquidiocese de Vitória da Conquista (BA).

A mesa de abertura do congresso missionário teve a presença do bispo de Jequié (BA), dom José Ruy Gonçalves Lopes e de dom Giovanni Crippa, bispo de Estância (SE) e membro da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB.

Dom José Ruy falou da importância deste congresso de formação e enfatizou a relevância do “Ide”, como propõe o papa Francisco afirmando que precisamos aprofundar o nosso “agir missionário, como discípulos missionários para uma Igreja em saída”.

O congresso missionário diocesano teve como mediador o padre Antônio Niemec, missionário redentorista e coordenador do Conselho Missionário Regional (Comire) Nordeste 3. Padre Antônio trabalhou o tema “Os desafios da sociedade à missão da Igreja”.



O sacerdote fez um breve histórico do Documento de Aparecida, destacando os textos que tratam da ação missionária da Igreja. Deu ênfase a frase “encontramo-nos diante do desafio de revitalizar nosso modo de ser católico” e afirmou: “Um congresso como esse pode nos ajudar nessa revitalização. Os bispos, no documento 108, reafirmaram que são uma missão nesse mundo.”

Padre Antônio Niemec ainda explicou que revitalizar nosso modo de ser católico tem muito a ver com nossa identidade. “A Igreja é missão! A Igreja é cada de um de nós”, concluiu.

O congresso missionário da diocese de Jequié (BA) foi encerrado com a bênção do bispo diocesano dom José Ruy aos participantes.

*Fonte: Comidi de Jequié (BA)*

## 70 jovens de Guarulhos realizam visita missionária



### Juventude missionária de Guarulhos

A Juventude Missionária (JM) da diocese de Guarulhos (SP) promoveu missão na paróquia Santo Alberto Magno, no bairro cidade Seródio, no dia 17 de abril. A missão foi preparada em comunhão com a paróquia de Santo Alberto. Jovens dos diversos grupos da JM diocesana e da paróquia Santo Alberto estiveram no evento, onde visitaram as casas no território paroquial.

Antes de sair para as ruas, todos os jovens participaram da santa missa presidida pelo pároco da paróquia Santo Alberto, padre César Augusto

Borges da Silva Campos. O sacerdote ressaltou a importância da missão e o engajamento dos jovens. “Se a Igreja não for missionária ela não é Igreja”, explicou padre César durante a homilia na santa missa.

Cerca de 70 jovens saíram às ruas, batendo de porta a porta, se fazendo presentes junto às famílias que pertencem à paróquia, pessoas que não estão caminhando mais nas celebrações e pessoas de outras religiões.

Em seguida aconteceram os testemunhos missionários. Cada grupo que saiu em missão pôde testemunhar o que aconteceu nas ruas. Um dos grupos contou que um senhor visitado testemunhou que mora há trinta anos no bairro e que foi a primeira vez que recebeu uma visita missionária na casa dele.

O dia terminou com momento de oração e adoração ao Santíssimo conduzidos pelos seminaristas Alan e Douglas

*Fonte: JM diocese de Guarulhos (SP)*

## Como ser missionária na Amazônia

Uma moto scooter elétrica nos caminhos da missão. É isso mesmo. Quando a terra é firme, a Ir. Nilma não perde tempo. A pé, de ônibus, de carro ou moto, o importante é estar sempre à disposição dos necessitados, levando um pouco de amor, ampliando a corrente do bem. A reportagem de Rosinha Martins da CRB, conta a experiência profunda de uma missionária em terras de Macapá. Vale a pena ler a entrevista.



Ir. Nilma, das Servas da Caridade

Pertencente à Congregação das Irmãs Servas da Caridade, Ir. Nilma Aparecida de Queiroz é natural de São Paulo, atua em um bairro de periferia da cidade de Macapá - AP, há 7 anos. É coordenadora pedagógica de uma das quatro creches da diocese, dá cursos para as comunidades, celebra e visita as famílias das comunidades ribeirinhas. Ai, ela precisa deixar a terra firme e enfrentar a imensidão do Rio Amazonas, em barquinhos, voadeiras ou outros. Ir. Nilma fala de seus desafios e das alegrias que fazem parte deste trabalho.

**Ir. Nilma, poderia contar um pouco da sua experiência como missionária nestas terras?**

Quando tiver que sair daqui, com certeza, sairei mais preparada que quando vim. As vezes achamos que temos que estar preparada para vir para a Amazônia. Não precisa, porque você acaba mudando a própria forma de ver as coisas. Por exemplo, a Vida comunitária... quantas vezes damos atenção a tanta picuinha (porque o sofá não está do jeito que quero, porque o copo não está lá...), conflitos tão desnecessários! Quando a gente chega aqui e vê a necessidade gritante deste povo e constata que eles vivem com o mínimo possível, aí nasce a pergunta sobre o sentido do prato estar ou não aqui ou acolá.

**A senhora quer dizer que acaba acontecendo uma mudança de mentalidade?**

Isso. Você vai aprendendo a reorganizar a forma de pensar e dar valor as coisas, não que a nossa vida no sul não tenha importância, mas eu, por exemplo, sinto muito mais livre aqui como pessoa, justamente porque aqui a gente vai aprendendo a se desprender de muitas coisas. Eu sou uma pessoa muito metódica, perfeccionista. Imagine uma cultura como a da Amazônia, diferenciada, que tem um ritmo muito diverso do nosso, mais lento. Precisamos reaprender a viver. Tudo aquilo que você tende a querer nos mínimos detalhes, na missão não dá para querer mais, para exigir, pretender ver da forma que

eu via, não da mais.

**É uma troca de experiência? Tanto a senhora se abre para aprender como eles também?!**

Eu dei passos para aprender pois existem coisas que servem mais para nos sufocar do que para libertar. Mas eles precisam dar um passo de qualidade na sua forma de viver, para ter uma perspectiva de vida melhor, de ter um sonho pois o sonho às vezes é pequeno. O nosso papel é, também, alargar os horizontes.

**Além de coordenadora pedagógica, a senhora tem outras atividades junto ao povo?**

Fazemos celebrações, trabalhamos na formação, catequese. Para tudo o que me pedem me coloco à disposição. Para mim é questão de sobrevivência. Corremos o risco de ser quase funcionários da Vida Consagrada: fazer, fazer. É verdade que fazemos muito, mas me preocupo demais com a velhice. E quando eu não conseguir fazer mais nada, o que me restará. Esta preparação do espírito, do ser é fundamental, por isso rezo, medito o conteúdo e vou alimentando o meu espírito, me preparando para



As irmãs da comunidade numa procissão popular



esta outra fase. Amo poder partilhar um pouco do que sei. Do pouco que sei coloco tudo a disposição e cada vez que estou com eles vejo que saio muito mais enriquecida que quando cheguei.

#### **Para uma pessoa que quer ser missionária na Amazônia, que dicas a senhora dá?**

Primeiro ser gratuito - vir com desejo de doar-se totalmente sem medo, sem preconceito. Tem que se lançar, mergulhar na vida do povo, porque é com eles que aprenderemos a ser missionários. Eles que nos dirão com sua forma de ser como devemos agir.

Esse povo é muito acolhedor e confia demais no missionário. Eles não querem o missionário perfeito, mas próximo. O fato de se aproximar, ser alegre. Na creche faço questão de ser alegre, mexer com as crianças, dizer bom dia...e quando não estou os pais sentem minha falta.

O missionário que vem para cá tem que se desprender muito daquilo que falaram, dos preconceitos. Aqui a gente tem a sensação de se sentir útil no sentido de perceber que o povo gosta de sentir a tua presença, te sentir por perto.

#### **Frescuras e exigências não podem vir na bagagem?!!**

De jeito nenhum. Já peguei quatro dengues, mas não tenho medo de enfrentar a missão por receio de ficar doente disto ou daquilo. Não deixo de fazer nada que deveria fazer para me prevenir. Não que seja imprudente, não. Temos que ter prudência. Mas, por exemplo, se o barquinho é pequeno, vou no barco pequeno. Eu não gosto de peixe. Se fosse para escolher, eu não comeria. Porém, chego nas comunidades e o povo diz: "Irmã, fiz aquele peixe da hora para a senhora! E eu logo grito: eita coisa boa! E isso não é hipocrisia, é acolher aquilo que eles tem para dar. Quando tem um franguinho caipira, que eu gosto, digo: "gente, hoje vou no franguinho caipira". Não temos o direito de fazer isso com eles. Eles dão o melhor de si. Se você vai para uma comunidade ribeirinha e se prende ao externo, ficará amarradinho dentro do barco e não fará nada. Eles estão lá vivendo, porque eu não viverei? Um grupo de pessoas veio para a Amazônia e disse que só de olhar o rio dava nojo, quer dizer, esse tipo de coisa, quem vem aqui, jamais deve dizer...

#### **As crianças que vocês atendem na creche são meninos e meninas em situação de risco? Elas vem de quais situações?**

As crianças vem do próprio bairro Marabaixo, de risco. Em nível familiar, elas sofrem muita violência: do próprio pai, do avô, (e eles não são denunciados por que a família já se acostumou com a ideia); da pobreza que é muito grande. O índice de mortalidade infantil é bem alto. É uma criança sofrida, mas linda.



#### **O barco é o meio de transporte**

Um fato inusitado é que existe o cuidado da mãe, enquanto está amamentando até dois aninhos. Passou daí, ela abandona e a deixa, com muita facilidade com o pai, com o vizinho, para se aventurar em outro relacionamento. Temos muitos casos de pais sozinhos que cuidam de seus filhos ou de vizinhos que cuidam de crianças cujas mães partiram. Os pais que ficam sós com seus filhos, choram e desabafam conosco. Às vezes, quando o pai está trabalhando e os filhos terminaram a escola, ficam trancados dentro de casa. E muitas vezes famintos. Na sexta e segunda damos uma comida mais forte na creche para que ela vá pra casa mais fortificada.

#### **A Campanha da Fraternidade trata do saneamento básico. Isso parece não existir em Macapá, de forma geral. É real?**

Falta da parte do governo. Não temos saneamento. O encanamento da casa vai tudo para rua. Quem sofre são os pobres. Aqui colocam bandeira do partido e ganham 50,00 para por a bandeira. O povo sofre muito neste sentido.



**Irmãs visitando os ribeirinhos**

## 21 missionários estrangeiros visitam sede das POM



### Pe. Camilo explica funcionamento das POM

Missionárias e missionários estrangeiros visitaram a sede das Pontifícias Obras Missionárias (POM) em Brasília (DF). Eles participam da 115ª edição do Curso de Iniciação à Missão no Brasil. O curso é promovido pelo Centro de Formação Intercultural (Cenfi) e organizado pelo Centro Cultural Missionário (CCM).

Os 21 missionários foram recebidos pelo padre Camilo Pauletti, diretor nacional das POM, que explicou sobre as atividades das Obras Missionárias. Padre Camilo detalhou os objetivos e públicos de cada uma das quatro obras realizadas no Brasil. Em seguida mostrou todo prédio onde funciona a sede das POM.

Curiosos e interessados, os missionários fizeram perguntas e colocações comparando o trabalho missionário do Brasil com o que é realizado em seus países.

Irmã Selma Kim veio da Coreia e está no Brasil há 3 meses. “Para mim é tudo muito intenso, são só 3 meses e ainda tenho dificuldade com a língua. No curso do Cenfi são muitas palestras e todas muito importantes. Sei que serão muito úteis em minha missão”, explicou a religiosa.

Muito tímida, irmã Selma contou que vai trabalhar no sul do Pará e elogiou o trabalho realizado pelas POM. “Gostei muito da sede das POM. Vi coisas muito interessantes e curiosas. Sei que quando estiver trabalhando no Pará poderei recorrer às Obras Missionárias em diversas ocasiões. Vou precisar da ajuda das POM no meu trabalho no Brasil”.

Padre Ricardo Ngweli é missionário africano e chegou ao Brasil há 5 meses. “Vim do Congo e estou me adaptando ao Brasil graças ao curso do Cenfi. A metodologia é ótima e espero estar falando bem o português quando começar minha missão no Acre”.

O sacerdote vai trabalhar em Rio Branco, na paróquia Imaculada Conceição. “Essa visita à sede das POM foi muito interessante, também vai colaborar com minha missão no Acre. Aqui descobri muitas coisas. No meu país, Congo, eu trabalhava

como diretor diocesano em Lisala, da Obra Pontifícia Missionária, durante 5 anos. Aqui é bem diferente, é muito organizado. No meu país não estão tão bem organizados como aqui. Vou levar muitos exemplos e orientações daqui para colocar em prática na África, mas só depois da minha missão no Acre”, concluiu padre Ricardo, entre risos e muita simpatia.

Padre Camilo Pauletti explicou que essas visitas são muito importantes. “Aqui eles receberam conhecimento e informação. Como vão trabalhar como religiosos, religiosas e leigos, em várias regiões do Brasil, eles também podem ser nossos animadores, podem ajudar a promover as Obras. O carisma das POM é a missão, uma missão *ad gentes*. Estes missionários vêm de vários países e estão numa missão *ad gentes*. Isso tem muito a ver com o objetivo e com o carisma das POM. Essa comunhão faz bem para eles, faz bem para nós e também para onde eles vão atuar”.

Padre Camilo informou que as POM se coloca à disposição para ajudar esses missionários. “Nós sempre acolhemos os grupos de missionários do Cenfi, nos colocamos à disposição, caso algum deles queira material ou outra informação mais precisa. Por isso sempre fazemos esse momento de acolhida, durante o primeiro semestre um grupo e no segundo semestre outro grupo”.

O diretor nacional das POM continuou: “Sempre acompanho esses grupos que vêm ao Brasil e percebo que nos últimos anos tem surgido mais missionários da Ásia e da África. Há 20 anos isso era raríssimo, a maioria vinha da Europa. Esse grupo, por exemplo, que vêm de mais de 12 países, é importante eles levarem esse espírito das POM: o trabalho de animação missionária e esse espírito de uma Igreja universal”.

Os 21 missionários que visitaram a sede das POM vêm de 14 países: Albânia, Índia, Polônia, Romênia, Nigéria, Honduras, República Democrática do Congo, Coreia do Sul, Filipinas,

Congo, Costa do Marfim, Vietnã, Colômbia e Argentina. Eles participam do Cenfi desde o dia 2 de fevereiro. Esta edição encerrou-se no dia 29 de abril.

(Andréa Bonatelli)



Pe. Ricardo, do Congo